



Da impossibilidade de um amor

O mais recente livro do angolano Pepetela está aí para ser lido de uma rajada. “O Planalto e a Estepe” fala de um tempo onde os dogmas políticos esqueciam o que de mais íntimo existe no Homem

Nunca se sabe responder à questão da definitude, eis o Homem.” A frase vem lá longe no livro, depois de se saber da impossibilidade de um amor e das reservas que devem ser colocadas sempre que se usa a palavra “definitivo”. Pepetela regressa com um romance onde a verdade se cruza com a ficção, um livro que não tenhamos qualquer hesitação em classificar como um romance de amor. De amor e de liberdade. Conceitos básicos na obra deste escritor angolano que venceu o Prémio Camões em 1997. Está lá a movimentação estudantil na década de sessenta pela libertação de Angola e o papel que a Rússia desempenhou nesse processo. Estão lá os dogmas, a religião perdida pelos ensinamentos marxistas, mas estão lá também os preconceitos e as contradições desses ensinamentos que prometiam a liberdade. Sobre tudo, quando se trata da liberdade pessoal. Aí entra o Pepetela crítico, revisionista de uma História que ele hoje sabe ter acabado mal.

“O Planalto e a Estepe” é uma história de amor, já se disse, com muitas guerras e lutas pelo meio. Um jovem estudante angolano na Rússia apaixonou-se por uma mongol, filha de um poderoso governante daquele pedaço de terra, “um grão de areia” entre a Sibéria e a China. Ambos comungam os mesmos princípios políticos, mas a tradição sobrepõe-se e torna impossível um amor que parece reunir todos os condimentos para se tornar eterno, sobretudo pela sua impossibilidade e pela paixão existente entre dois amantes que duas sociedades não permitem que fiquem juntos.

Esta é a base de um livro que serve a Pepetela para falar da questão do racismo, da religião, do Homem com e sem Deus, das fidelidades políticas, dos desencantos. Do desencanto amoroso. “Que há de verdade no amor? A mesma verdade que existe na verdade. Se consome pelo uso. Ou se reforça pela ausência. Ou nem uma coisa nem outra. O mistério permanece mas nos espanta sempre.” É nestes momentos mais intimistas que Pepetela consegue ir mais longe neste que é um dos seus livros menos volumosos. Mas já se sabe. Os livros não se medem aos caracteres. Nisso e nas escassas páginas que dedica à infância do protagonista no planalto angolano. “O homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece”, aprendeu ele muito cedo com um padre, professor de Filosofia. Era, lembre-se, na década de sessenta, com Salazar a controlar as colónias e os colonos, com o apoio dos colonizadores. Pepetela faz questão de discorrer sobre tudo isto. Pena que a história de amor não lhe ocupe ainda mais verbo. O livro só teria a ganhar com isso. Mas percebe-se a necessidade de a situar num tempo e numa História. Sobre tudo, para mostrar a sua impossibilidade. **ISABEL LUCAS**



PEPETELA

O PLANALTO E A ESTEPE

DOM QUIXOTE